

A ANTROPOLOGIA COMO UMA FORMA DE OLHAR O MUNDO: UMA CONVERSA COM KARINA KUSCHNIR¹

DIANA B. MELLO*

* Lic. en Ciencias Antropológicas (UBA). Becaria doctoral UBA.
Correo electrónico: didibmello@gmail.com

Esta entrevista foi pensada desde a inquietude de mostrar o “lado B” da antropologia, a partir de conversas com pesquisadores ou professores que tivemos como referência na nossa formação. Karina Kuschnir é Professora Associada do Departamento de Antropologia Cultural (DAC) do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde coordena o Laboratório de Antropologia Urbana (LAU). Originalmente tida como uma referência obrigatória no campo da antropologia da política, a partir dos seus livros “O cotidiano da política” (2000) e “Eleições e representação no Rio de Janeiro” (1999). Nos últimos anos orientou-se a pesquisar e ensinar sobre a utilização do desenho na pesquisa etnográfica.



Em suas aulas aprendemos a usar pincéis, tintas, guaches, confeccionar nosso próprio caderno de campo e, o mais importante, entender que qualquer um pode desenhar, que não é necessário “saber desenhar”. Karina ensina aos alunos da graduação em Ciências Sociais a possibilidade de um desenho intuitivo e descompromissado que abre muitas portas no fazer cotidiano da pesquisa antropológica, revelando “o potencial do desenho não só para representar algo graficamente, mas para revelar modos de ver, de se comunicar e de registrar utilizados por antropólogos em campo” (Kuschnir, 2016).

¹ Entrevista: 11 de outubro de 2019.

² Desenho gentilmente cedido por Karina Kuschnir.

Karina é também autora de um blog onde compartilha “desenhos, textos e coisas”. Nele podemos encontrar diversos materiais e reflexões valiosíssimas, desde um plano de aula para trabalhar o texto “Cultura e razão prática” de Marshall Sahlins, até dicas para terminar um texto em 14 dias ou dez lições da vida acadêmica.

Além de reconstruir um pouco sua trajetória, questões como: o que é fazer antropologia hoje, como é a vida acadêmica e de professora, quais foram seus grandes mestres e mestras e como é ser autora de um blog com mais de 600 mil visitas. Alguns desses assuntos foram os temas guia do nosso encontro e a partir deles procuramos dialogar e trazer um pouco de inspiração e esperança para os que estamos começando uma trajetória em tempos de águas não tão calmas.

Me fale um pouco sobre o que é a antropologia para você e como foi a sua trajetória na disciplina (como pesquisadora e como professora). Como foi que ela chegou até você? Ou será que foi você que chegou até ela?

Eu não venho da antropologia na graduação. Me considero uma *outsider*, já que a minha formação foi em Jornalismo. A teoria da comunicação que aprendemos era dada por professores com Mestrado e Doutorado em antropologia, porque a comunicação é uma área que começou tarde no Brasil. Então me apaixonei pela antropologia através desses professores. A minha formação foi no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ), e lá na primeira prova eles perguntaram exatamente isso: o que é a antropologia para você? Eu tinha conversado sobre essa pergunta com a professora que mais me apoiou na época, a Maria Cláudia Coelho, hoje na UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro). Ela falava que a antropologia era uma forma de olhar o mundo, e foi o que eu respondi na entrevista de mestrado. É uma coisa fascinante, porque, uma vez dominada essa forma de olhar o mundo, você pode se debruçar sobre qualquer tema.

Uma das coisas que até hoje me motivam a continuar me identificando com a antropologia, apesar de saber dos inúmeros problemas que talvez não fossem tão falados nos anos 1990' como agora (como o problema do colonialismo, e de contatos violentos que podem estar na base de alguns estudos das chamadas populações vulneráveis), é que na sua base existe uma vontade de conhecer as pessoas, de conhecer o outro. Eu não gosto muito dessa palavra, mas vou usar: a alteridade. Porque na minha visão o que descobrimos, quando nos debruçamos sobre essa vontade de conhecer as pessoas, é que muitas vezes elas são mais parecidas conosco do que a gente imaginava e, portanto, não são bem “outros”, são “interlocutores”. Essa é a palavra que prefiro utilizar hoje em dia.

Se olharmos a fundo os pesquisadores, vemos que muitas vezes eles estavam imersos numa estrutura colonialista, mas muitos eram *outsiders* dentro dessa própria estrutura. Eram pessoas que tiveram que defender uma ciência vista como menor, até desnecessária. Trajetórias de pessoas como Malinowski são muito interessantes para pensar isso. Ele fez um trabalho de campo em condições de quase prisioneiro de guerra, preso

naquelas ilhas, por ser um polonês, portanto, cidadão “inimigo” do país que estava financiando sua pesquisa. É muito complexa a posição em que ele se encontrava. É no mínimo complicado dizer que ele era um representante do império britânico, embora estivesse associado à sua estrutura de poder.

Com todas as ressalvas, acho que sobrevive na antropologia um projeto de produção de conhecimento entre *peessoas*, e esse projeto continua sendo válido para mim. É isso que me faz continuar acreditando, sem negar que em toda área científica existem relações de poder que precisam ser reveladas e compreendidas.

Você lembra do seu primeiro trabalho de campo?

A minha primeira pesquisa em antropologia foi na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, onde se reúnem os parlamentares municipais, o que chamamos aqui no Brasil de vereadores, mas.... Quando começa essa pesquisa? Quando eu entrei no Mestrado ou antes, quando eu trabalhava como jornalista? Acho que ela começa antes, ao conviver, como jornalista, com crachá de jornalista, nos bastidores dessa instituição. Talvez um pouco do que eu experimentei como jornalista fosse uma espécie de “pré-trabalho de campo”, sem que eu o formalizasse em texto ou reflexões. Inclusive, para começar o trabalho de campo na Câmara Municipal, como antropóloga, precisei acionar essa identidade de jornalista. Porque uma casa legislativa é um espaço extremamente restrito e o meu crachá abriu portas. O difícil era dizer para as pessoas: “Olha, quero conversar com você, mas isso não vai sair em nenhum jornal”. Aí os vereadores respondiam que não tinham tempo para conversar comigo. Isso foi muito revelador. Hoje, entendo melhor que quem somos provoca uma série de situações no campo que são indissociáveis do conhecimento que produzimos.

Quais foram suas inspirações iniciais, seus grandes mestres e mestras e como te influenciaram e continuam influenciando?

Ao começar a estudar eu me identifiquei muito com o trabalho do Gilberto Velho, meu orientador no Mestrado e no Doutorado. Ele tinha como projeto acadêmico, e como marca pessoal, falar para muitas áreas diferentes: misturava antropologia com literatura, história, psicanálise. Isso para mim foi muito bom, porque eu vinha de outra área e ele acolheu essa precariedade da minha formação. Era um orientador extremamente exigente, mas ao mesmo tempo muito generoso. O aprendizado com o Gilberto me fez adorar a História, uma disciplina que eu tinha muita dificuldade no colégio. Foi ele que me apresentou a História social e cultural, pela qual me apaixonei. Através do Gilberto, também aprendi a admirar e conhecer as obras de Georg Simmel, Max Weber, Mikhail Bakhtin, Peter Burke, Carlo Ginzburg, Howard Becker e Erving Goffman, entre muitos outros.

Não posso deixar de citar que no Museu Nacional três professores me marcaram muito. Lygia Sigaud me marcou pela leitura minuciosa dos clássicos como Lévi-Strauss, Malinowski, Bourdieu, Weber -- sem seus cursos eu não estaria aqui hoje. Outro foi o professor Moacir Palmeira,

quem me chamou para o Núcleo da Antropologia da Política (NUAP). Como parte dessa árvore genealógica, também citaria o professor Luiz Fernando Dias Duarte, do Museu Nacional, pela seriedade, pela maneira de trabalhar e pela maneira como ele vê a antropologia até os dias de hoje.

Como surgiu o Laboratório de Antropologia e Desenho? Me conte sobre essa passagem da antropologia política para a proposta de utilizar o desenho como uma ferramenta na pesquisa de campo etnográfico.

Aconteceu que entre os anos 2009 e 2011. Nessa época, vivi uma situação que se intensificou agora: a força das milícias na política do Brasil e do Rio de Janeiro em particular. Era impossível continuar fazendo o que eu estava fazendo sem correr risco de vida, e sem pôr em risco a vida dos meus alunos da Iniciação científica. Eu já tinha feito um trabalho fora da área da política, como voluntária numa ONG chamada “Amigas do Peito” e cheguei a pensar em ir para essa área da família, da amamentação e dos cuidados com o bebê. Mas nessa época eu já estava há sete anos desenhando como uma prática pessoal, separada da antropologia. Em 2011, fui a Portugal a trabalho (relacionado a outro projeto) e lá participei de um evento de desenho urbano, o segundo encontro internacional do grupo *Urban Sketchers*. Assisti a uma série de palestras, de pessoas que não eram cientistas sociais, mas que me abriram para a ideia de que o desenho poderia ser uma porta para conhecer o mundo, que podia ser uma ferramenta de renovação da antropologia pelo grafismo. Voltei dessa viagem e, apesar de já ter um projeto de pesquisa pronto sobre arquivos políticos, resolvi escrever um projeto novo sobre “antropologia e desenho”. O projeto foi aprovado e elogiado pelo CNPq. Conforme fui amadurecendo, tive a ideia de criar uma disciplina na graduação voltada para o tema. Comecei em 2013 e continuo até hoje.

Nessa área, gostaria de citar o Eduardo Salavisa, que é um modelo para mim como “*desenhador*”, um termo que se usa em Portugal. Ele me inspira com seu projeto de desenho do cotidiano, um desenho despretensioso, descompromissado de ser “perfeito”. Também tive uma grande influência do Danny Gregory, autor de vários livros, de um blog sobre processo criativo e mais tarde fundador da *Sketchbook Skool*.

Atualmente você também é autora de um blog no qual, entre outras coisas, fala sobre as questões da vida acadêmica, disponibiliza ferramentas úteis e até posta alguns planos de aula. Como foi a decisão de começar esse blog sendo pesquisadora/professora?

O blog surgiu da minha vontade de juntar o desenho com o texto. No começo eu não sabia muito bem qual caminho ele tomaria. Foi um espaço que comecei com zero expectativas, simplesmente para me obrigar a escrever um texto e produzir um desenho toda semana, tentando me inserir também no mundo do desenho onde naquela época era “obrigatório” você ter um blog.

O primeiro post de sucesso aconteceu em dezembro de 2013. Fui dar uma palestra e me colocaram no último horário do último dia do evento, a

plateia praticamente vazia. Eu tinha tido um grande trabalho pensando no roteiro e desenhando à mão todos os slides. Como quase ninguém assistiu ao vivo, resolvi colocar no blog o post [Dez Lições da Vida Acadêmica](#). Foi o primeiro que viralizou, e hoje tem mais de 20 mil views. A partir disso, percebi como havia uma brecha no mundo acadêmico para falar com mais leveza e humor sobre a vida acadêmica. Notei que tinha muita gente sofrendo sozinha, achando que todos os seus problemas eram individuais. No blog, tinha uma professora da UFRJ falando de antropologia e da vida acadêmica em geral de uma maneira mais leve. De lá para cá, venho tentando fazer posts que possam trazer os bastidores da vida acadêmica. São os mais lidos. Tem posts vistos por mais de 70 mil pessoas. Se você pensar que o meu livro “O cotidiano da política” teve uma tiragem de 3 mil exemplares e nem esgotou, é muito impressionante a possibilidade do blog como uma ferramenta para democratizar conteúdos acadêmicos.

Essa coragem para a irreverência vem muito também do meu contato com o Howard Becker. Sou a revisora técnica dos livros dele aqui no Brasil, famoso, entre outras coisas, pelo seu texto “Tornando-se um usuário de maconha” (Becker, 2009). O Howie (como ele gosta de ser chamado) conta que, sempre quando vinha ao Brasil, as pessoas perguntavam: “cadê a sua teoria?” Desde então, ele vem escrevendo vários livros sobre o ofício de pesquisador (no Brasil, publicados sob os títulos de Truques da escrita, Segredos e truques da pesquisa e Falando da sociedade, todos pela Zahar). Sobre sua relação com a teoria, ele também vem falando nas entrevistas que concede, como esta aqui, para a revista brasileira [Dilemas](#). Uma vez ele me contou que o texto mais lido dele foi um que ele resolveu, ao invés de mandar para um periódico acadêmico, distribuir por e-mail e colocar em seu blog. Aliás, Howard S. Becker tem um blog desde inícios dos anos 2000 com dezenas de seus trabalhos disponíveis para download.

Qual é a importância do trabalho reflexivo – pessoal e coletivo – no fazer antropológico e acadêmico?

Escrevi o artigo “Uma pesquisadora na metrópole: identidade e socialização no mundo da política” (Kuschnir, 2003) a partir de uma disciplina da professora Lygia Sigaud, na qual ela trazia como bibliografia uma série de teses feitas na França que incorporavam capítulos autoreflexivos, como a da Florence Weber. A Lygia nos orientou que o trabalho de curso fosse uma autorreflexão sobre a nossa existência e o impacto disso no campo. Na correção do meu primeiro rascunho, ela pegou uma caneta vermelha e rabiscou tudo, dizendo: “Vocês estão querendo subir uma escada pulando cinco degraus de cada vez, sem mostrar os processos. É preciso subir um degrau de cada vez.”

Acho que ainda tenho muita coisa para escrever no blog sobre os bastidores da vida de professora, porque no Brasil, depois do Doutorado, é muito difícil fazer um trabalho de campo com a mesma dedicação. É muito difícil você ter esse tempo fora da sala de aula para pesquisar. Muitas vezes passamos a vida inteira tratando do material de campo que fizemos durante o doutorado. Para fugir disso, a partir de 2013, passei a considerar a sala

de aula como meu espaço de trabalho de campo, por conta das turmas do Laboratório de Antropologia e Desenho. Sinto muita falta desse espaço para fazer a pesquisa da maneira como aprendi que ela deveria ser feita: um trabalho de campo longo, com tempo de reflexão longo e com o tempo de escrita longo.

Como é fazer e ensinar antropologia no atual contexto político, econômico e social brasileiro e do Rio de Janeiro mais especificamente?

Uma coisa que surgiu nos últimos tempos é o problema de assumir a relação da academia com a saúde mental, e como a academia é um ambiente que gera uma série de problemas. Muitas vezes vem de uma pressão interna e externa pela inserção no mercado de trabalho formal e por conseguir construir uma vida autônoma. Vemos muitos jovens saindo da universidade por conta da situação doméstica e sem esperança de como vão poder transformar essa produção de conhecimento em uma inserção de trabalho, política e social. Por conta do blog, tenho sido chamada a falar em eventos sobre saúde mental e vida acadêmica. Já fiz até um prefácio de um livro incrível, que ainda não foi publicado, sobre o adoecimento relacionado à vida acadêmica, da Rosana Pinheiro-Machado. Tudo começou por causa de um post escrito a partir do encontro com um ex-aluno da graduação que estava fazendo seu Doutorado. Encontrei com ele no IFCS e ele estava visivelmente mal. Resolvi publicar no blog uma “Carta a um jovem doutorando”. Nesse post, que também viralizou, eu falo de todos os problemas de saúde e emocionais que eu mesma passei no Doutorado.

Com o incêndio do Museu Nacional e o resultado das eleições do ano passado no Brasil, acho que tive um colapso. Ver o impacto do incêndio, uma consequência de todo um processo de desmonte da universidade pública, do conceito de educação pública, foi uma situação que ultrapassou tudo que a gente poderia imaginar. Então, este ano está sendo um ano de caminhar, de muita mensagem entre amigos e pouca coragem de vir a público, de muita autocensura, difícil mesmo. Está complicado para os alunos fazerem um curso de Ciências Sociais no Brasil hoje. É desafiador você segurar a saúde mental num contexto em que a pesquisa em Sociologia é considerada uma “ferramenta do mal” pelos setores que ocupam os espaços de poder na sociedade (além da presidência do país, no Rio de Janeiro, ocupam também a prefeitura e o governo do estado). Além disso, fazem campanhas massivas contra as ciências humanas pelo WhatsApp e pelas redes sociais.

A evasão é grande no Brasil todo, não é uma característica nem só do Rio de Janeiro, nem só das Ciências Sociais. É um dado triste, de um país que ainda não entendeu como sociedade que a universidade pública e o ensino superior é o destino mais desejável para a formação dos jovens. É muito triste como projeto social você ver que ainda estamos lutando para que a juventude entre e permaneça na universidade.

Conselhos para alguém que está iniciando seus caminhos nessa selva antropológica e acadêmica...

Um dos posts de que eu mais gosto do blog é o “Doze dicas para terminar o TCC, dissertação de Mestrado e tese de Doutorado”, escrito em colaboração com Adriana Facina, Aparecida Fonseca Moraes, Andrea Moraes, Julia O’Donnell e Christiano Tambascia. Um bom conselho é você buscar aquilo que te afeta, aquilo que te mobiliza afetivamente, para que a vida acadêmica tenha o seu lado de prazer, de construção, de emoção, porque sem isso você não segura o lado do sofrimento. Se eu não amasse muito a ideia de fazer uma pesquisa antropológica, eu não seguraria tudo que eu passei em termos de cobrança, autocrítica excessiva, de trabalhar demais etc. Além de muita determinação, paciência, foco e calma, é importante se cercar de pessoas que compartilham essa paixão com você, porque precisamos de grupo, de redes de apoio. Ter uma rede de trocas é tão ou mais importante do que publicar 500 mil artigos. É isso... Primeiro você precisa viver, estar bem, se alimentar, dormir, estar inteira e não esquecer disso. A minha primeira crise no doutorado foi uma crise de me extenuar, de trabalhar 16 horas por dia e, de repente, ouvi um apito na minha cabeça. O meu corpo falou: “chega!” e fui parar no hospital sem conseguir mexer o pescoço. Acontece porque, quanto mais a gente estuda, mais a gente sabe que nada sabe, como disse o velho Sócrates.

Sobre a pressa excessiva dos tempos atuais, isso é uma coisa que a gente tem conversado muito na pesquisa com desenhos. O fato de você desenhar te obriga a desacelerar. Isso é o que mais sinto falta: me permitir fazer uma coisa que desacelere essa constante cobrança de mais produção e menos aprofundamento. O que me atraiu na antropologia foi justamente a ideia de poder me aprofundar. Isso contrasta muito com o jornalismo, em que você faz a praticamente a mesma matéria todos os dias com personagens diferentes. Mal comparando, na antropologia, você faz uma “matéria” que leva centenas de dias com um personagem só.

Outra situação muito comum na vida acadêmica é a autocensura. Você está estudando um assunto e tem ideias sobre ele, mas muitas vezes você não se permite escrever o que pensa porque não tem um “autor” no qual se embasar. Como se só pudessemos pensar com a produção bibliográfica dos verdadeiros “autores” (os publicados). Como se não pudessemos ter uma autonomia de pensamento. Para os jovens em formação, com a internet e com a bibliografia na ponta dos dedos, isso pode ser muito paralisante: como se eles não pudessem pensar. Eu tenho uma coleção de autobiografias de escritores falando sobre seus processos de escritas e muitos deles enfrentam esse mesmo bloqueio, assim como acontece na arte, na produção cultural, na música. Imagina você ser um jovem músico hoje em dia: que música você pode fazer que já não tenha sido feita?

Por si só, a etnografia traz um encontro de um indivíduo que é único com outros indivíduos que são únicos. Então, não importa se já escreveram antes, aquele encontro é único, é a sua experiência e você tem o direito (e o dever) de falar sobre ela e de produzir conhecimento a partir dela. Não se trata de tornar essa experiência um fetiche. É claro que existem coisas (e

bibliografias) que vieram antes, mas isso não desqualifica a singularidade daquele encontro e daquela reflexão. É um equilíbrio difícil, mas possível. Por um lado, você tem que prestar contas para a academia: um texto acadêmico tem que ter introdução, hipóteses, teoria, metodologia, conclusão etc., para não virar ensaio. Por outro lado, você pode prestar essas contas para a academia sem se anular, sem apagar a sua singularidade e autoria.

Uma coisa que tenho falado desde o início do blog: o Doutorado é só o começo, ele não é o fim. Ele reúne as páginas de uma trajetória que pode ser muito bacana e muito longa. Ao escrever a tese, as ideias que não puderem ser desenvolvidas, você joga para as notas de rodapé! Assim, todos os desvios que te parecem tão interessantes agora ficam guardados nas notas, como se estivessem numa gaveta afetiva. Depois de terminar o Doutorado, você pega a sua tese, lê todas as notas de rodapé e escreve o próximo projeto! Essa é uma forma de não se deixar bloquear durante a escrita: saber que sempre haverá chance para recomeçar e desenvolver novas ideias.

Referências Bibliográficas

BECKER, H. (2008) “Tornando-se um usuário de maconha”. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 51-67.

KUSCHNIR, K. (2000). *O cotidiano da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

KUSCHNIR, K. (1999). *Eleições e representação no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Núcleo de Antropologia da Política (Coleção Antropologia da política).

KUSCHNIR, K. (2016). “A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas” *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 5, No 2. pp. 5-13.

KUSCHNIR, K. (2003). “Uma pesquisadora na metrópole: identidade e socialização no mundo da política”. VELHO, G. e KUSCHNIR, K. (Org.): *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 20-42.